



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

A MULHER E O CUIDAR: UMA DETERMINAÇÃO DA RELAÇÃO DE GÊNERO?

Polímnia Olinto Cassimiro

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil

Endereço eletrônico: policassimiro@hotmail.com

João Diógenes Ferreira dos Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil

Endereço eletrônico: jdiogenes69@gmail.com

INTRODUÇÃO

O período da colonização brasileira produziu o pensamento hegemônico de predominância do masculino em relação ao feminino, e também possibilitou a formação da estrutura de sociedade familiar, baseada no patriarcalismo. Assim, segundo Del Priore (2013) o patriarcalismo desenvolvido no Brasil Colônia era representado por uma família que se reunia em torno do temido chefe que era o pai e que tinha sua lei e ordem estabelecida e incontestável, estando a mulher subjugada a essas leis.

Safiotti (2004) avança nessa discussão, decifrando que o patriarcado remonta de tempos anteriores, onde se estabeleceu a hierarquia do homem sobre a mulher e, posteriormente, classificando gênero como mais uma expressão da ideologia patriarcal, “forjada especialmente para dar cobertura a uma estrutura de poder que situa as mulheres muito abaixo dos homens em todas as áreas da convivência humana” (SAFIOTTI, 2004).

Até os tempos atuais, o discurso patriarcal se reinventa buscando a sua preservação, mesmo com as inúmeras conquistas ocorridas no sentido da equidade entre gêneros, que tiveram palco em nossa sociedade especialmente nos séculos XX e XXI. A mulher, que nascia para se casar e procriar, vivia sob a égide do poder masculino, representado tanto por Deus, quanto pelo pai, irmãos ou marido.

Um avanço significativo foi a possibilidade de tomar decisões sobre casamento e maternidade, trabalho doméstico no espaço privado e trabalho remunerado no espaço público, ainda que tenha adquirido, em muitos casos, uma dupla jornada de trabalho. Nesta relação, a mulher continuou se constituindo como um personagem que, socialmente e historicamente, ainda é encarada como associada às questões do lar, mesmo após anos



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

de lutas e conquistas, permanecendo na sociedade, o estereótipo de que o lugar de cuidar é reservado, exclusivamente, à mulher.

Se pensarmos na relação entre raça e classe, ou seja, na mulher pobre e negra, esta possui um histórico de trabalho degradante e humilhante, sendo ainda mais associada ao trabalho servil, doméstico e do cuidar, trajetória iniciada na escravidão, nos períodos da colônia e do império, e que se perpetua ainda hoje pelo racismo estrutural entranhado da sociedade brasileira.

No Brasil do início do século XX, a força de trabalho feminina passou a ser necessária no mercado de trabalho, na busca por gerar ou contribuir com a renda familiar. Tal situação se deu devido às configurações das novas relações econômicas que ocorriam no Brasil e no mundo. Com a substituição da força humana pelo maquinário, em diversas situações os homens não se faziam mais necessários, cedendo espaço às mulheres e crianças que aceitavam trabalhar em condições desumanas e recebiam bem menos pelo seu trabalho.

Esse movimento aconteceu com a chancela da sociedade, abarcando especialmente situações onde mulheres, especificamente de classe média, precisavam acrescentar valor à renda familiar, seja por conta da incapacidade financeira do homem, chefe da família, ou por situações em que se tornava viúva ou era órfã (BESSE, 1999).

A autorização da sociedade para o trabalho da mulher nessa época se deu para atividades com características reconhecidas como femininas. Assim, se adequaria a condição da mulher, determinada socialmente, ao trabalho e ao “bom cumprimento” da função. Besse (1999) afirma que, no período referido, o labor feminino era visto como uma atividade que não deveria exigir a necessidade de inovação e criatividade, haja vista que estas eram qualidades peculiares ao sexo masculino. Exemplos das carreiras tipicamente femininas seriam as de babá, professoras, enfermeiras, dentre outras, funções que exigiam sensibilidade, paciência, além de um senso de moralidade e ética.

METODOLOGIA

Este estudo, ainda em andamento, está sendo realizado a partir da pesquisa bibliográfica, com a utilização do método histórico e abordagem qualitativa, pois não se pode compreender a situação atual de reserva da mulher às profissões de cuidado sem que

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

se realize o esforço de conhecer como foi tecido esse cenário no decorrer da história do gênero feminino no Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Percebe-se que o número de homens atuando nas profissões relacionadas ao cuidado é bem reduzido. Uma pesquisa realizada pelo Ministério da Educação, no ano de 2018, constatou que os dez cursos superiores mais procurados pelas mulheres no Brasil são Pedagogia, Direito, Administração, Enfermagem, Ciências Contábeis, Psicologia, Serviço Social, Gestão de pessoal e Recursos humanos, Fisioterapia e Arquitetura e Urbanismo. O número de mulheres que procura o curso de Pedagogia é cinco vezes maior do que quem busca o curso de Arquitetura.

Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD contínua trimestral) relativos ao quarto trimestre do ano de 2017 demonstram que a participação de mulheres nas profissões indicadas como femininas é superior, apresentando ainda menores salários. A categoria dos empregados domésticos é formada por 92,3% de mulheres. Esse padrão se repete para profissões de magistério, enfermarias e assistência social. Na Administração pública e defesa, Seguridade social, Educação, Saúde e Serviços sociais, as mulheres representam 25,2% e os homens 10,9%. Já nas áreas de Construção civil, Transporte, Armazenagem e Correio, os homens representam 13% dos cargos ocupados e as mulheres correspondem a 0,5% (IBGE, 2017).

Refere-se, nesse texto, como “atividades de cuidado” às relacionadas ao atendimento de sujeitos vulneráveis, seja no campo da saúde, da educação, da assistência social, do lazer, entre outros. Portanto, se englobam as profissionais da área de enfermagem, assistência social, professores da educação infantil, cuidadores de idosos, babás, empregadas domésticas, e tantas outras atividades que possam se enquadrar nesse perfil.

Em um estudo sobre a atividade de idosos cuidadores de familiares, Braz e Ciosak (2009) concluem que o papel reservado à mulher no seio da família e no ambiente doméstico se repete na justificativa de que não poderia ser diferente, dada a “necessária competência para se enfrentar desafios da vida familiar”. Afirmam ainda que “a questão



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

do cuidar é relacionada, também, à questão de gênero, refletindo a determinação cultural dos papéis apropriados ao sexo” (BRAZ; CIOSAK, 2009, p.376).

Angelo (2009) reitera que, em qualquer discussão acerca da compreensão do cuidar, deve-se passar por raciocínios relacionados à relação de gênero, posto que o cuidado é elemento das “raízes históricas da mulher”, ultrapassando seu lugar de atividade, ao alcançar a esfera da sua identidade e do seu trabalho.

Nas entidades de assistência social, a composição do corpo de funcionários apresenta presença marcante das mulheres. Esse padrão na composição do quadro de pessoal que atende pessoas que necessitam de serviços na área social, sejam realizados nas repartições públicas ou nas organizações não governamentais, demarcam aspectos da relação de gênero tecida na sociedade brasileira.

Nesse sentido, se faz imperativa a compreensão dessa associação imediata das mulheres às profissões relacionadas ao cuidado e os principais fatores que, ainda hoje, são estruturantes dessa divisão baseada em aptidões do gênero. A hipótese que se pode levantar é a de que se trata de uma memória social ainda presente e transmitida via gerações.

Posto isto, levanta-se o questionamento: as definições de gênero contribuem para que a mulher se mantenha na posição de cuidar na área da assistência social, promovida pelo Estado?

CONCLUSÕES

Essa pesquisa bibliográfica se encontra em andamento. Todavia, até o presente momento, resta demonstrado que o padrão de feminização das profissões de cuidado constatado na história da Fundação Conquista Criança¹, na cidade de Vitória da Conquista-BA, se repete amplamente em diversas profissões no Brasil. Quando averiguadas as razões para a escolha desse perfil de trabalhador, os relatos têm apontado para a confirmação de que se trata da reprodução de uma memória que persiste com o

¹ A Fundação Conquista Criança realiza o atendimento às crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social do município de Vitória da Conquista, buscando garantir a esses jovens o respeito às garantias que lhes são conferidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

início e o findar dos grupos, haja vista que se trata de uma realidade que parece ser alimentada pelas determinações advindas da relação de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Cuidado; Mulher; Profissão; Gênero.

REFERÊNCIAS

ANGELO, M. Cultura e cuidado da família. In: NAKAMURA, E.; MARTIN, D.; SANTOS, J. F. Q. (orgs.). **Antropologia para enfermagem**. São Paulo: Manole. 2009, 86p.

BRAZ, E.; CIOSAK, S. L. O tornar-se cuidadora na senescência. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.** 2009. abr-jun;13 (2): 372-77.

BESSE, S. K. **Modernizando a desigualdade: Reestruturação da ideologia de gênero no Brasil. 1914-1940.** Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

DEL PRIORI, M. **Conversas e histórias de mulher**. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2013. 312 p.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Quarto Trimestre de 2017**. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2017_4tri.pdf Acesso em: 26 mai. 2019.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. 1ªed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, 151p.